

# Todas as pistas vão dar a Maputo

AS PISTAS até agora recolhidas pelos investigadores do assassinio em Portugal de Evo Fernandes, destacada figura do movimento moçambicano rebelde Renamo, apontam no sentido de que o atentado teria sido preparado em Maputo — disseram ao EXPRESSO fontes dos vários serviços envolvidos na averiguação do caso.

Entre os dados que permitiriam tal conclusão, figura o facto de os suspeitos detidos há cerca de uma semana — Alexandre Chagas e Joaquim Messias, em Casablanca, e Jorge Pinto da Costa, em Paris — estarem a tentar dirigir-se para a capital moçambicana antes de serem interceptados pelas autoridades. Segundo meios da investigação, Pinto da Costa teria sido surpreendido pela policia francesa com um bilhete aéreo para Maputo e os outros dois procurariam chegar a uma capital (Argel ou Paris) de onde depois voariam para Moçambique. Pinto da Costa, aliás, já fora a Maputo acompanhar a filha adolescente de Chagas, poucos dias antes do assassinio de Evo Fernandes, não tendo regressado a Portugal.

Entretanto, os investigadores reconstituíram já o trajecto dos principais suspeitos — Chagas e Messias — depois do seu jantar com Evo, onde este seria visto vivo pela última vez. No dia seguinte, teriam ambos seguido para Marrocos no DS-21 adquirido por Chagas, o que indica que o assassinio de Evo

(perpetrado 48 horas depois) não seria da sua responsabilidade directa. Passariam a fronteira em Ayamonte e atravessariam o estreito de Gibraltar entre Algeciras e Tânger, dirigindo-se então, sempre na mesma viatura, até Casablanca.

Depois de emitidos, via Interpol, pedidos de localização dos suspeitos, a Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) receberia a indicação, através de um serviço europeu (e pelo mesmo canal da Interpol) de que Chagas e Messias estavam em Marrocos. As diligências para a sua captura e extradição pelas autoridades marroquinas, foram feitas através da embaixada portuguesa em Rabat, embora a delegação diplomática tenha sempre desmentido à Imprensa a participação no caso. Os dois detidos foram já ouvidos por agentes portugueses, encontrando-se aliás em Marrocos, por ocasião da captura, o responsável da DCCB, Orlando Romano. No entanto, um interrogatório detalhado só será possível depois da sua extradição para Portugal, o que

deverá ocorrer brevemente e poderá trazer avanços significativos à investigação.

As fontes inquiridas pelo EXPRESSO salientaram a «excelente cooperação entre serviços» na captura dos três indivíduos, sublinhando, porém, que as informações militares (Dinfo) teriam tido um papel muito menos relevante do que o mencionado através de alguns órgãos de informação (e que foi interpretado como uma «guerra entre departamentos»).

## Chagas pernoitou no largo do Rato

O EXPRESSO contactou, entretanto, com Lisete Mourinho, companheira de Pinto da Costa e em cuja casa, situada no Largo do Rato em Lisboa, Chagas pernoitou e guardou as malas antes do encontro com Evo Fernandes. No entanto, ela recusou-se a fazer declarações, mandando dizer que havia já muita gente envolvida e que de nada adiantaria falar. Outras pessoas das suas relações esclareceram, porém, que Pinto da Costa abandonou o trabalho na distribuição de um matutino lisboeta para acei-

tar o «emprego de guarda-costas que lhe foi oferecido pelo Chagas — não passando tudo, no caso dele, de uma questão de dinheiro».

O EXPRESSO soube ainda que, na passada segunda-feira, ao mesmo tempo que era anunciada pelos serviços moçambicanos de segurança (SNASP) a detenção em Maputo (ocorrida há já alguns meses) de três portugueses acusados de terrorismo, a filha de Chagas telefonava desta capital para a mãe (que vive no Monte de Caparica) a perguntar-lhe «se os jornais de Lisboa tinham dito alguma coisa sobre o assunto do pai». Este facto sugere que em Maputo já se saberia da detenção de Chagas, embora ela só fosse tornada pública no dia seguinte. Os serviços portugueses de informação não deixam, aliás, de relacionar a detenção dos três portugueses com o caso Evo Fernandes, embora não se chegue ainda ao ponto de considerar a SNASP como a origem de todo o processo.

## Viúva desistiu de cremar o corpo

Por outro lado, a viúva de Evo desistiu de cremar o seu corpo, segundo revelou, a pedido do presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, por considerar não se tratar de uma tradição africana. O cadáver será depositado num gavetão do cemitério de Cascais (aguardando eventual transladação para ser mais tarde inumado em Moçambique), mas o funeral só se realizará depois de conhecidos os últimos resultados da autópsia. Fontes ligadas à investigação garantiram ontem ao EXPRESSO que, até à data, não era possível extrair qualquer ilação de que Evo tivesse ingerido drogas antes de ser baleado.